

Da obra de
Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

URUCUIANAS



Da obra de
Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

URUCUIANAS



© 2024 – Editora Unigala

Todos os direitos reservados à Família Ambrósio.

www.unigala.com.br
editoraunigala@gmail.com

Organizadores

Ramiro Esdras Carneiro Batista
Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida

Capa

Ramiro Esdras Carneiro Batista/Montagem Unigala

Transcrição

Ramiro Esdras Carneiro Batista

Revisão

Diocília Ambrósio Batista
Ramiro Esdras Carneiro Batista

Os organizadores optaram por preservar a grafia constante dos originais do autor.

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração: Resiane Paula da Silveira

Conselho Editorial

Dr. Ramiro Esdras Carneiro Batista, Universidade Federal do Amapá, UNIFAP
Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF
Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR
Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC
Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS
Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP
Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL
Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB
Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Ma. Emily Maria Torres de Magalhães Borges, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Dr. Déric Soares do Amaral, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE
Me. Kleber Almeida de Albuquerque, Universidade do Estado do Pará, UEPA
Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional
Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B333u Urucuianas – poesias (Manoel Ambrósio em Versos – Vol. II)
/ Ramiro Esdras Carneiro Batista; Maria Zeneide Carneiro
Magalhães de Almeida (organizadores). – Formiga (MG): Editora
Unigala, 2024. 71 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85101-40-0

DOI: 10.29327/5419738

1. Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. 2. Urucuianas. 3. Poesias.
I. Batista, Ramiro Esdras Carneiro. II. Almeida, Maria Zeneide Carneiro
Magalhães de. III. Título.

CDD: 398.2

CDU: 39

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam
responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins
comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.unigala.com.br

editoraunigala@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.unigala.com.br/2024/08/urucuianas.html>





Da obra de Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

URUCUIANAS

poesias

(1914-1940)

1ª Edição



“O poeta não cria: canta. [Sua arte é] dolorosamente efêmera: relampeja, fugaz, nos momentos de febre inspiradora, quando ele tateia formas novas para a exteriorização do seu magma íntimo, do seu mundo interior (...) Obra escrita – obra já lida – obra repudiada: trabalhar em colmeias opacas e largar o enxame ao seu destino, mera aventura de brisas e asas.”

(João Guimarães Rosa - discurso reproduzido no livro de anais da Academia Brasileira de Letras de 1937)

SUMÁRIO

Nota editorial	08
Bilhete – cópia (Catulo da Paixão Cearense)	09
Urucuianas (poemeto)	11
Flor do mato (sic flos agri)	17
Idilios	18
Neves	20
As flores	21
Casa agreste	23
Maracanãs	25
Arrulos	26
Angelicas	28
Palmeira	30
Flor azul	33
Tumulos do campo	34
Andorinhas	36
Beija-flor	39
Folha errante	42
Harmonias	43
Poente	45
A tarde	46
Ilusão	48
O lenho e o poeta	49
Frades de pedra	52
Partida	54
Adeus! Á Bôa Vista	55
Nenia – A memoria de Manoel Salgado	57
Saudade – A memoria de João S. Pessôa	58
Flores agrestes	60
O Urucuia (lenda – poemeto)	62
O Autor e sua Obra	66

Nota editorial

Esta primeira edição de *Urucuianas* : poemas dá a conhecer um dos manuscritos de Manoel Ambrósio dentre aqueles à espera de leitores. A poesia do autor, anunciada em *Paranapetinga*, revela-se na inédita *Urucuianas* por meio das evocações e figurações da paisagem natural do sertão dos gerais. A publicação dessa obra visa compor o acervo digital, com a totalidade da obra do autor, disponibilizado com acesso gratuito na rede internacional de computadores.

Essa edição, semidiplomática, insere-se no escopo de investigações partilhadas entre pesquisadores/as de diferentes origens, no momento vinculados/as às seguintes instituições de ensino: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Universo sanfranciscano,

Outono de 2024.

Bilhete - cópia

A Manoel Ambrósio,
meu irmão em ideal.

Li os teus versos e achei-te um belo poeta.

Engenho de Dentro,
Catulo da Paixão Cearense.



URUCUIANAS
(poemeto)

*Té que vejo maravilhas
Dos campos urucuianos
Com seus rincões veteranos,
A terra um poema assim:
Temperados, puros ares,
Muitos rios seculares,
Lindas tribus de palmares,
Soberbas orlas sem fim.*

*Do alto sertão descendo
Ao xoque dos ribeirões,
Serpenteiam veredães
Dos carrascaes na leveza.
O tabaréo no conceito,
Muito ilustrado perfeito
Um grande livro bem feito,
O livro da natureza.*

*Claras aguas das vertentes
Escorrem frias nos montes;
Fervendo borbulham fontes
Por fragas, quebradas mil.
Unidas, formosas cenas
De tardes frescas, serenas
Com as cordilheiras morenas
Bordam paineis do Brasil.*

*De valentes tributários,
Espigões, gigantes serros,
Se esboçam destes desterrros
As copas das imburanas;
As pradarias luzentes,
As hialinas torrentes
E os tesouros eloquentes
Das bélas terras serranas.*

*Por fertilissimos mateiros
Das margens, das [ilegível]
Do fundo das matarias
Passam de largo os tufões.
Amenos climas se azulam,
Densos brumarios se osculam
E as folhagens se ondulam
Ao sopro das virações.*

*No tôpo de altas penhas
Frondejam arvores distantes:
Cedros, ipés flamejantes,
Suspensos jardins selvagens.
O ceo, beijando as espaldas,
Tocam de neves as fraldas
E os louros verde-esmeraldas
Das sombras nessas paragens.*

*Nas pennumbras infinitas
De um paraizo esquecido,
Buscam azas escondido
Um canto nos matagaes.
Tôscas rôlas, turturinas,
Soltam estrofes das ravinas,
Os canarios das campinas
E as pombas dos seus pombaes.*

*Curraleiro touro escava
Poeiras aos ceos bramindo,
E os ecos repercutindo,
Xêgam aos outros socegados;
Leguas, leguas, se alongando,
Vão girando, vão rolando,
Em derrotas se acabando,
Morrendo nos descampados.*

*Verdejantes pastoreios
Ostentam o mais nedio gado,
Onde o jaguar mosqueado
Enterra as patas no xão.
Presente o tapir rumores,
Queixadas rufam tambores,
E veados corredores
Azulam-se na solidão.*

*A ema geme no campo,
O sucuri no paral.
Daquela montanha azul
Estão voando fragores.
São os primátas trepados,
Pelas caudas pendurados,
Imitando – esses barbados –
Engenhos dos lavradores.*

*Ao luar silencioso
Que arias, matas agrestes!
Soltam notivagos celestes,
Travessos caliangús!...
– cavatinas mortaes –
Orquestras e festivaes,
Sahindo dos barrocaes,
Quando nos sonhos ha luz.*

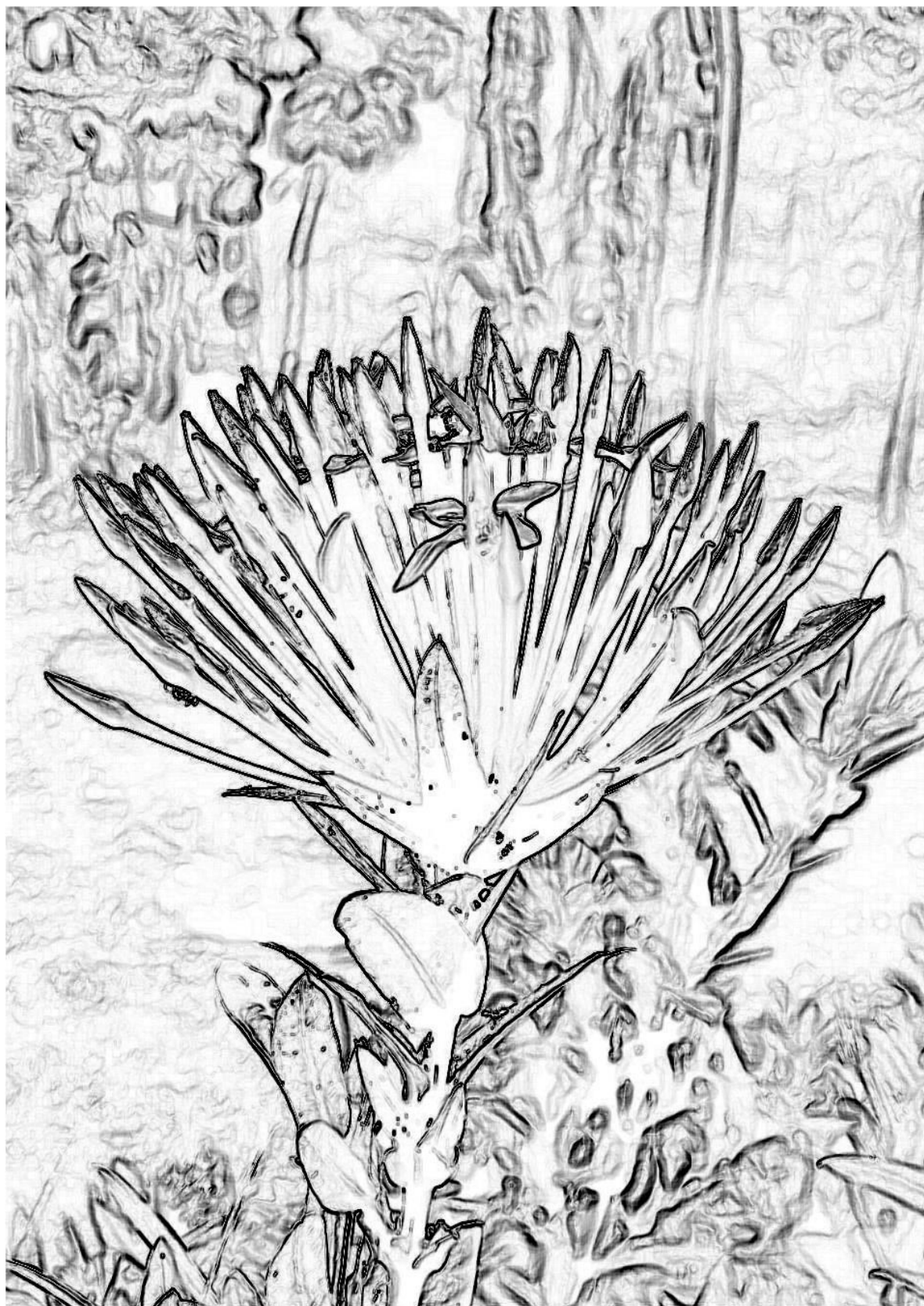
*Nas vazantes, nas savanas,
Que divinas serenatas!
Dirieis: que traviatas
Dos seres do interior!
Debaixo da burarema
Um trilo de siriema
Vale mais que um poema
Nas canconêtas do amor.*

*Selvas moças se levantam
De antigas capoeiras,
O mundo das trepadeiras,
Bromélias de todo o âno;
As lianas e as éras,
O musgo das primaveras...
Vestindo antigas taperas,
Ramagens de São Caetano.*

*Dos alcantis inclinados,
Dos talhados em muralhas,
Escavam brancas toalhas,
Saltando nesses fundões.
São velozes caxoeiras,
São precipites corredeiras,
Roncando das pirambeiras
Do alto dos xapadões.*

*Tudo tem alma, tem vida
Nas cavernas, nas agruras,
Pelas tocas, pelas buras,
Ha um cantinho feliz.
Toda a opulencia seduz,
Mostra a messe que produz
E assim tudo o que reluz
Na terra do meu Paiz.*

*Nestas plagas sertanejas
Nesta téla cinzelada
A mão de Deos estampada
Faz sentir Christo no horto;
E num relanço condenados
Os sertões abandonados,
E... a trabalhos forçados,
Estes galés sem conforto.*



FLOR DO MATO

Sic flos agri

*Feliz lá no campestre a flor desabrochando
Pela viração da noite tenebrosa,
A' luz d'alguma estrela no ceo silenciosa,
Nas frinxas de um roxêdo acre trescalando.*

*Infinita ternura – encanto desta rosa –
No vale muito exul, triste sonhando,
Numa vibração constante sonorando
Nas orlas do vergel da brenha perfumosa.*

*No ara embalsamado o xeiro d'éla
Sente-se no sarçal escuro e ladeirento,
Que o frio gelo tanta vez descora.*

*Viva éla está; so por isto, muito béla;
A madrugada passou... gemeu o vento,
A aurora veio... e éla não teve a aurora.*

IDILIOS

*Andam as aves da noite
A' luz da luz piando,
Vem no meio da floresta
Por outras aves xamando.*

*E cantam umas canções
Tão ternas que causam dó:
– Primaveras perfumadas –
– Amores... amores... só.*

*E que sons, que melodias,
Que arias tão divinaes!
Que plangentes bandolins,
Vagando nos barrocaes!*

*Vibram nos ares, ondeiam,
Graves notas argentinas;
E a bucolica amenidade
Temperam arpas divinas.*

*Concertos e sinfonias
Afugentam espíritos máos.
Quantas lendas embaladas
Ao canto dos bacuráos!*

*Lavam rastilhos de luz
Ceos e astros reluzentes,
Pela terra derramando
De prata alvas torrentes.*

*Quanto segredo, quem sabe,
Nesse rumor montanhez!
– Relíquias de antigas éras
Nos verdes váles talvez!*

*E' bem tarde; no vargêdo
Branda fonte o campo invade.
Lindas faxas lá cintilam
Miragens de claridade.*

*Escuta, minh'alma, escuta,
O vento a romurejar.
A noite também tem flores
E as aves cantam ao luar.*

NEVES

*Nas plagas serranas despertam-se albores,
Fragores e selvas esposam-se já.
Por noites e dias,
Por sendas bravias
Os astros suspiram,
Deliram
Acolá.*

*Ali nas espaldas ha talamos amenos,
Ha trenas velozes ao som das vertentes.
Ao raio que medra
Gigantes de pedra
Entornam
Resonam
A' flux das torrentes.*

*Por eles resvalam, se elevam divinas,
Neblinas e neves em um so farfalhar.
Por cima dos serros,
A' voz dos desterrros.
Caladas,
Paradas,
Se põem a escutar.*

*São virgens da noite, da luz que flutúa
Da lua, de estrelas, de ventos do val.
São délas os cantos,
São del'as encantos
Das rasas
Formosas
Da quadra ibernal.*

AS FLORES

*As flores dos vales as petlas abrindo,
Singélas sórrindo.
Nas veigas á brisa se ostenta a cochilar.
Campinas e prados, corólas tão lindas,
Tém tantas infindas,
Sensivas
E vivas,
Que invejam as estrelas
Dum ceo sem luar.*

*Nas auras errantes ha sons amorosos,
Subtis vaporosas,
Na fuga ondulante da luz refulgente.
Se a folha susurra, se ha vagos rumores,
Flores, mais flores,
Se abrolham,
Desfolham,
Juncando os caminhos em paz... docemente.*

*E a tarde
Se arde,
Falando
Cantando
Sonhando
Nas ramas,
Solares.*

E as aves

Suaves

Se inspiram,

Deliram,

Trinando,

Scismando,

Voando

Nos ares.

CASA AGRESTE

*Do alto da xapada eu vejo a casa agreste,
Bem branquinha ao pé da serraria;
Uma visão do ceo parada e pesaroza
Nas pedras do desterro, além da morraria.*

*Béla! Ó muito bela, ao longe... solitaria...
La na encosta da côr de um manto azul;
Tão alva semelhando a garça repousada,
Olhando da ribeira as aguas num paúl.*

*Em torno déla a selva, verdes píncaros,
Espaldas da montanha, montes nevoeiros.
Laivos de sangue, tintas de harmonias
Da tarde a descambar do vale nos roteiros.*

*Um trino solto, ameno;
No fragor do matagal gorgeia um passarinho,
Um livre idílio parece estar cantando
A propria soledade à beira do caminho.*

*Bem dita casa no viso brumarento
De brenhas e de sólis, de sombra e claridade!
Porque confrange-me envolto o coração
No manto da morada – a esfinge da saudade?...*



MARACANÃS

*Os nevoeiros de maracanãs
Estão descendo para o jussaral.
Elas, juntinhas, aos casaes, irmãs
Buscam pousadas no cambaúbal.*

*De tagarelas que palestra arde
Nas vozes d'alma de um selvagem acento!
Tribus aligeras xegando á tarde,
Céleres, bravias ao soprar do vento!*

*Tinge-se de rôxo toda a côr do mato
Numas estrias de formoso véo.
Mudam-se as águas e o feliz regato
Beija uma estrêla do lilaz do ceo.*

*Ultimos raios! Das balseiras razas
Douram-se as ramas de clarões finaes.
Louras cabeças sob lindas azas
Tontas de somno não marulham mais.*

*Os nevoeiros das maracanãs
Estão dormindo pelo matagal
Elas, juntinhas, aos casaes, irmãs,
Sonham delicias no cambaúbal.*

ARRULOS

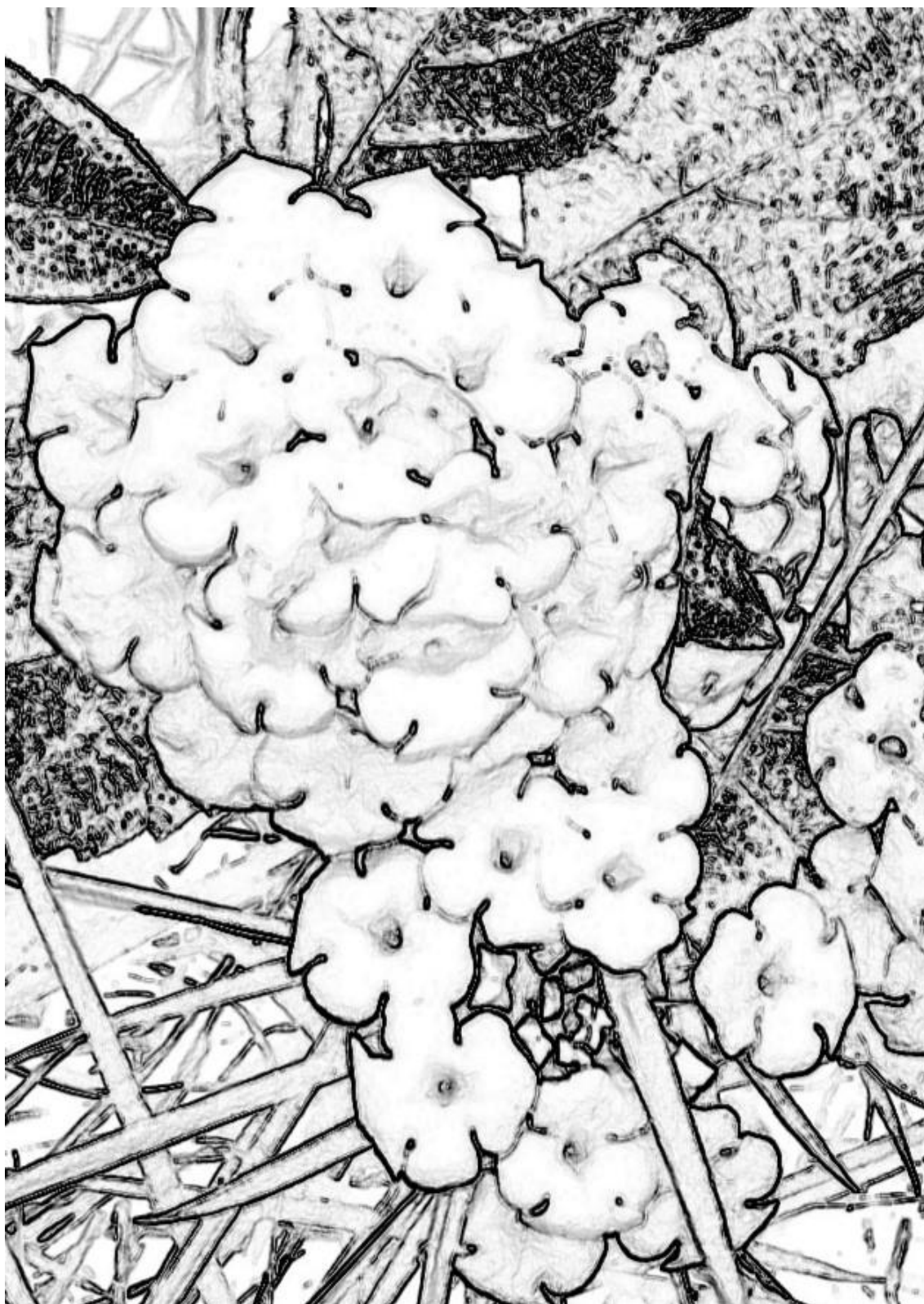
*Arrulam pombas caboclas
Nas palmas dos coqueiraes,
Como crianças xorosas
Naqueles matos-geraes.*

*Que arias no clima ardente.
Nos ínvios densos raminhos!
Quanta angustia derramada
Do peito dos passarinhos!*

*Ha sonhos nas calmarias
Alguem brinca nas ramagens.
Aonde vão as ventanias
A sussurrar nas folhagens?*

*Que melodias eternas...
Aguas correntes cantando...
Raios de sol na floresta,
Relvas que ondulam xeirando!*

*Nasceram aqui no deserto
Belezas tão peregrinas:
Aves, vergéis, prados, sombras,
Rosaes, palmares, campinas.*



ANGELICAS

*Bravas angelicas adornando vivem
As capoeiras no verão ditosas:
– Na arte esguia de um caniço seco –
Lindas grinaldas de manhã xeirosas.*

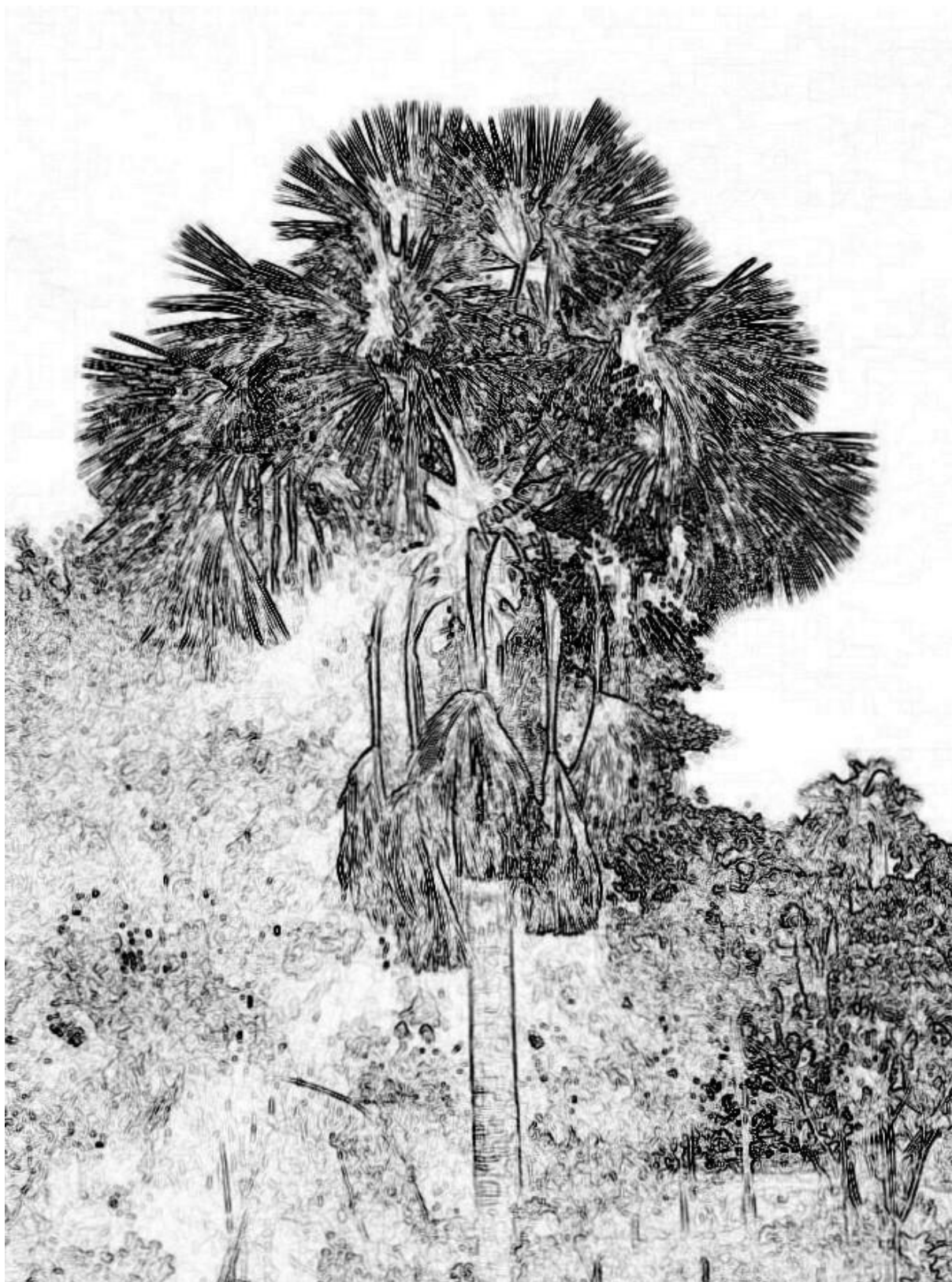
*Num velho tronco a trepadeira sobe,
Veste de folhas o silvoso monge,
E em cordoalhas a floresta invade
Até às franças da ladeira ao longe.*

*Que panoramas no verdor do mato,
Que acre aroma nos ramaes também!
Sitios risonhos! Que painéis de flores,
Visões divinas nos vergeis d'alem!*

*Balança a brisa do sarçal serrano
O calice aberto de rosido cardo.
Ha margaridas no rumor sagrado,
Tambem delicias de xeiroso nardo.*

*Feliz quem pode nos campinos ares
Gozar instantes de ventura ardente,
Beijar as frondes, respirar aromas,
Dando saude que faz bem á gente.*

*Ah! Venturoso! Irradiada e terna
Hade sentir a viração cismando.
– Deos – entre as pétalas axará risonho,
Destas angelicas no sertão xeirando.*



PALMEIRA

*Adeus, palmeira do vale,
Imagem da soledade;
Haste erecta da saudade
– Palmeira – dos palmeiraes.
Toda em silencio, ao relento,
Vibram teus leques ao vento,
Debaixo do firmamento,
Porcima dos carrascaes.*

*Adeos, palmeira do monte
Na altiva crista isolada,
Atraindo a passarada
Aos flancos do tombador.
– Corôa destes silvedos –
– Sibila destes fraguados –
Que dizem estes vargedos?
Estas bromelias em flor?*

*Adeos, palmeira do ermos
– Auréa – da solidão!
Qual a tua vocação
Em áridas penhas, senhora?
Profetisa da catedra
Mácissa... bruta... de pedra...
Porque teu salmo não medra,
Alma dos campos sonora?*

*Adeos, palmeira da tarde,
Beijando as auras do sul,
Béla tenda, verde, exul
Nos extases de um santo amor.
Guerreiras, tibias, errantes,
Viste as tribus vacilantes
Com mêdo dos bandeirantes
Fugindo ao novo senhor?*

*Adeos, palmeira campestre
No sertão enluarada!
Quem te plantou na xapada,
Tão linda no teu perfil?
Velando desta ravina,
Diz a sombra da colina:
– Foi a estrela vespertina
Nas alvoradas de anil.*

*Adeos, palmeira da selva,
Palacio de passarinhos,
Com os gorgeios dos ninhos,
Cantando os amores seus!
Dos teus desertos, agora,
Minh'alma suspira e xóra;
Vae partir e vae-se embora...
Palmeira do vále, adeus!*



FLOR AZUL

*Florinha azul dos agrestes,
De petalas tão delicadas,
Não tarda o sol da manhã,
Rompendo das madrugadas.*

*Vem trazer-te um doce beijo
Em castas xamas de amores,
Seu crestar outras belezas
O namorado das flores.*

*Como és linda e tão ditosa
Aqui nos campos alpestres!
Quizera um vergel assim,
Florinha azul dos agrestes!*

TUMULOS DO CAMPO

*Nesta verêda exilada,
Da tarde ao quente verão,
Abre os braços nesta estrada
Velha cruz da redenção.*

*Vém a seus pés sacrosantos
Noite e dia a treva, a luz.
Que milagrosos encantos
Imagem da Santa Cruz!*

*Promessas do ceo sonhando
Ao calor das azas tuas,
O' quanta gente esperando
Por estas leivas tão crúas!*

*E' [ilegível] de granitos
– Feituras de Jeová –
Plácidos, azues, infinitos,
Como que oram acolá.*

*Por aqui, nestas vezes.
Jazem muitos caminheiros,
Nesta mudez de tristezas,
A' sombra destes outeiros.*

*Nenhum branco mausoléu,
Nenhum tributo de amores,
Sinão este esplendido céu,
Hervas que dão muitas flores.*

*Agros campos ao relento,
Rubras rosas da xapada
E só este o movimento
Da cismadora morada.*

*Manda aqui a lei divina,
Curva a fronte a natureza.
Graves lições nos ensina
A toda humana grandeza.*

*O mundo cruel, insano,
Todo ostenta o seu poder.
Quem se atreve a soberano,
Perde o pó do seu saber.*

*A serena altura insultam
As sanhas do altivo orgulho;
Mas, as estrelas se exultam,
Não ouvem tanto barulho.*

*E' que as ervas e as florinhas,
Pela terra rastejando,
Tem virtudes – as plantinhas –
De humildes leivas brotando.*

*E felizes, mui felizes
Camponias nas paz dos campos,
Dormindo entre matizes
Na patria dos pirilampos.*

ANDORINHAS

Longos sussurros ao cair da tarde!...
São andorinhas sob o céu voando,
Alegres, ágeis, desdobrando as azas,
De longa ausência no sertão chegando.

Voltam agora dos confins do exílio
Ao lar querido que se avista perto.
Que ancia ardente de xegar depressa
Ao beiral amigo que deixou deserto!

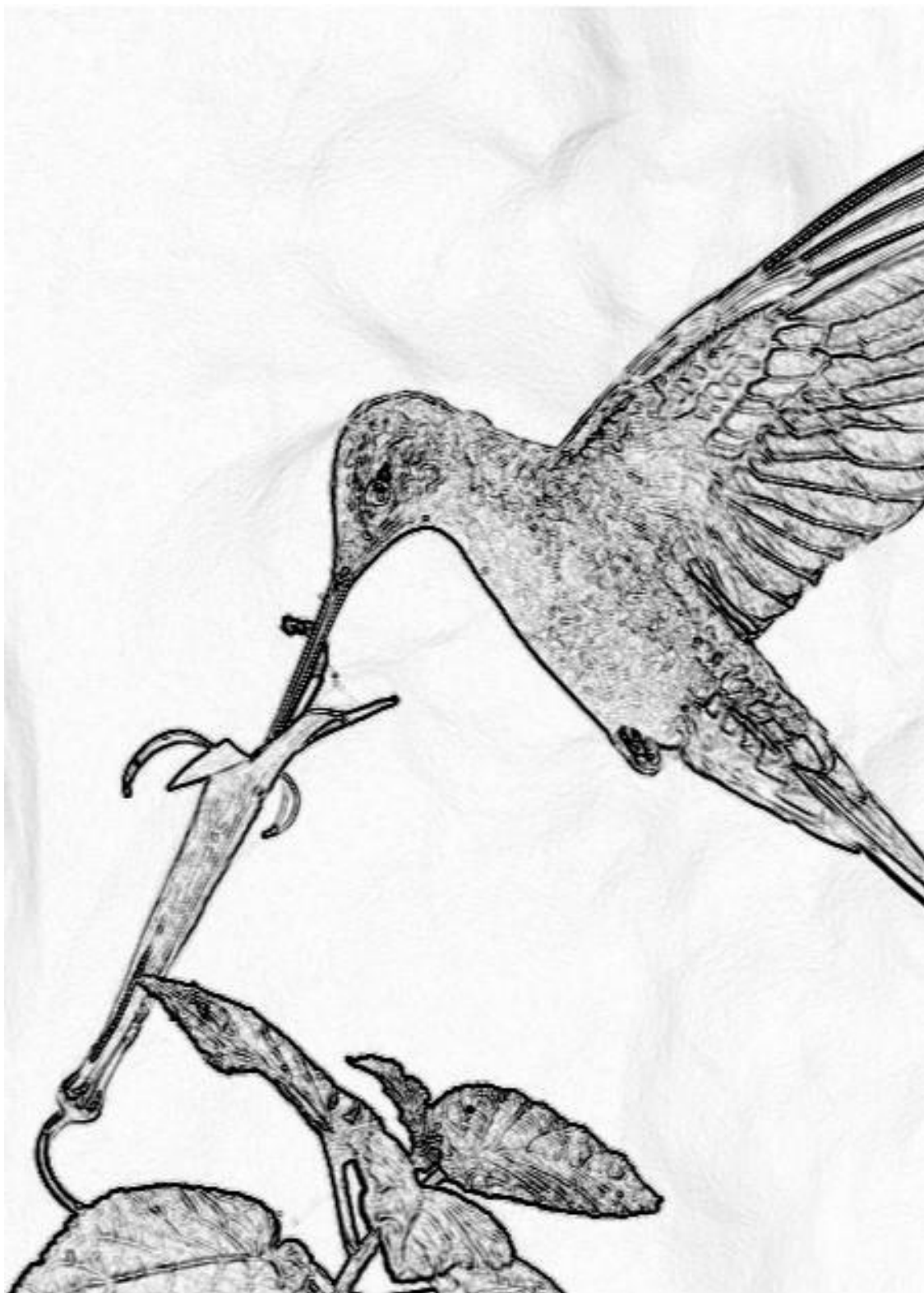
Longe da pátria que saudade amarga
Do filho prodigo – coração partido!
Que pensamentos e canções saudosas,
Ternas lembranças do torrão querido!

Pois bem, minh'alma, nestas boas vindas,
O' tribo errante, que prazer então!
Vêem-te meus olhos na ditosa terra,
Finda a jornada desta arribação.

Lendas bravias passarás cantando
Lá de Balbec, de Paliura e a Esfinge,
Dessas pirâmides e o Simoum formoso...
Estranhos séculos que o crepúsculo tinge.

Talvez fugiste da maldita guerra,
Que a humanidade devorando está...
Um mar de sangue dessa algoz tormenta
De rubras vagas a bramir por lá.

*Aí! Andorinhas, ao cair da tarde,
Xeias de espanto no sertão xegando!
Talvez horrores nos trouxeram cedo
Aos seios da pátria, corações voando!*



BEIJA-FLOR

*Nas margens de um ribeirão,
Escondido no verdor,
Encontrei entre os raminhos
Um ninho de beija-flor.*

*Minusculo abrigo de amores
Dos raios das soalheiras
Não tem medo dos perigos,
Das águas, das corredeiras.*

*Dois pepilos siciantes
Saíam das verdes palmas
De mimoso casalinho,
Vagidos de duas almas.*

*Em lindas azas brilhantes,
Verdes azues luminosas,
Azas de mãe, côr dos astros,
Lúcidas estrelas, formosas!*

*E que susto, quanto assombro,
Traíndo ave celeste!
Se quebrasse esse raminho,
Deveza, que dor agreste!*

*Sempre o destino arredando
A onda do mal fragueiro.
Apenas rumor do vento
E o murmurar do ribeiro.*

*Ha segredos tão profundos
Dos vales na imensidão,
Que uma vez so se os contempla,
Tão singulares que são.*

*Quem pode na barbara selva
Inspirar igual primor!
Quem sabe tecer tão bem
Um ninho de beija-flor?!*

*Bem longe no firmamento
Quem faz o astro – Reluz.
Na eterna maravilha
So o espirito transluz.*

*Mimosa ave
Das verdes frondes,
Aqui te escondes
Silenciosa;
Se o campo enflora,
Tu tens a aurora
E a luz sonora,
Harmoniosa.*

*Ha flores novas,
Lindas capélas,
Ramas singelas,
Xeirosas, lenço;
Flores amadas
Das orvalhadas,
Flores de neves.*

*Vém nestas vigas,
Vém nestas trilhas
Das maravilhas
Colher perfumes
Nos gravetinhos,
Nesses caminhos,
Nesses raminhos,
Dos vagalumes.*

*Nas margens de um ribeirão,
Escondido no verdor,
Encontrei entre a folhagem
Um ninho de beija-flor.*

*La dessas aves do ermo
Tão pequena, tão formosa,
Nenhuma assim carinhosa
Ao matutino arrebol.
– Estrela – desse ramalho
Suspenso num frágil galho,
Como uma gota de orvalho
Ferida de um raio de sol.*

*Paz ao ninho teu na riba memorosa,
Alma da floresta imaculada e pura!
A teus pés a voragem, a onda marulhosa,
A brisa que cicia, a folha que murmura.*

FOLHA ERRANTE

*Folha errante desgarrada,
Onde te vaes sem guarida,
Pelos ares desolada
De vale em vale impelida?*

*Do teu destino eu não sei
E o tufão não diz – quem!
Tudo segue a mesma lei,
Ninguém escapa, ninguém!*

*Tange a rôla dos palmares
Um sopro de torvelinho.
Quem sabe se volve aos lares
O infeliz passarinho?*

*So ela no seu desterro!...
Traz de si tudo ficou.
E dentre as pedras do serro
Um outro norte tomou.*

*Agora á brisa celeste
Nunca mais sussurrará.
Coitada da folha agreste!
O' nunca mais tornará!*

HARMONIAS

*A' sombra das brejaúbas
Desce o riacho em torrente,
Corre, depois, mansamente
A se espraiar num paul,
Debaixo das gameleiras,
Molhando o xão das paineiras
E as plantinhas forrageiras
Vestidas de verde azul.*

*Estriam silvestres réstias
De luz o vêio da fonte,
Onde a imagem do monte
A' tôna d'agua se mira,
E as ondas de quando em quando,
Passam nas praias lavando
O areial faiscando
Centelhas côr de safira.*

*Na trama das ramarias
Pousam rolinhas cantando
Assim voando... voando...
Por dentro dos sipoaes.
Já o orvalho respinga...
E a juriti da caatinga
Geme acolá na restinga
A' margem dos traçadaes.*

*Na magestade da selva
Farfalha o carandalu
Aos trilos de um bemtevi,
Num choro de soledade.
Ouço o susurro do vento
Pela folhagem, ao relento,
Trazendo ao firmamento
O xeiro de uma saudade.*

POENTE

*Ultimos raios, enfim! Na florida planície
De meu sertão estiram-se estas sombras.
Refrange-se da floresta a imagem luminosa,
Em remansos de paz – celestiaes alfombras.*

*Da tarde a tibia luz aos poucos se delue
Nas cabeças azues, por lombadas dos montes.
Parece estar ali alguém por atalaias
De sangue e purpura detraz dos horizontes.*

*E lenta muito lenta a noite sae do vale,
P'ros ceos escarpas socavões galagando,
Súbito, uma fanfarra! Alerta! São clarins:
Continencias do ermo – ao sol entrando!*

A TARDE

*C'alido clima! Iluminada a tarde
Toda descamba no Sertão de Minas;
E quentes raios de um final de estio
O sol despeja das monções divinas.*

*Na terra adusta a primavera acorda
E brotam flores sem cessar tambem
Ha sons falando... não se sabe onde...?
Vozes, palestras,... não se sabe – quem – ?*

*Agora, xove uma xuva santa
O po dissipa de roteiros mil;
E ás rolinhas aos caraes se banham
Em pôças dagua de uma côr de anil.*

*Trajam-se de galas as silvinas brenhas,
Ares sentindo de uma luz vivaz.
Sopram as auras e nesse mar de selvas
Marulham as vagas de serena paz.*

*E ela a tarde mansa e mansa se estende,
Desdobra o manto do [ilegível] espaço,
Imenso, largo, deluido em chamas
De roseas nuvens no feliz regaço.*

*Que de harmonias nessa invias brumas!
Quantos acordes na estação ruidosa!
Quanto delerio nas profundas d'alma!
Quantos quereres na visão ditosa!*

*E ela?... ela lentamente tomba,
Nessas espaldas de vagar se afunda.
Ja no ocaso desabroçam rosas
De fogo o vale dessa luz se inunda.*

ILUSÃO

*Com os carinhos de criança
Da enxente no rastilho
Soltara palhas de milho
Nas aguas do Rio-Mar.
Eram meus barcos boiando,
A correnteza singrando,
Barrenta, suja, rolando,
Ate um porto encontrar;
Ou alguma costa arribando
Nas vagas de um outro Mar.*

*Passava assim hora inteira,
Pensando triste, parado,
Vendo o Rio arrepiado
Ao sopro dos temporaes.
Elas bem leves se iam,
Como as espumas desciam,
La muito longe se viam...
E... apagando os sinaes,
Ai! Nunca mais tornariam.
Que saudades! Nunca mais!*

*Volvem-se os anos, revolvem
As fragras de dura lida.
Que é isto minha vida,
Que esperas, meu coração?
No ceo a nuvem de arminho,
Sorriso, lagrimas, espinho,
Constantes maguas – em ninho –
Palmas de milho... paixão!
Na terra o mesmo caminho,
No mundo a mesma ilusão.*

O LENHO E O POETA

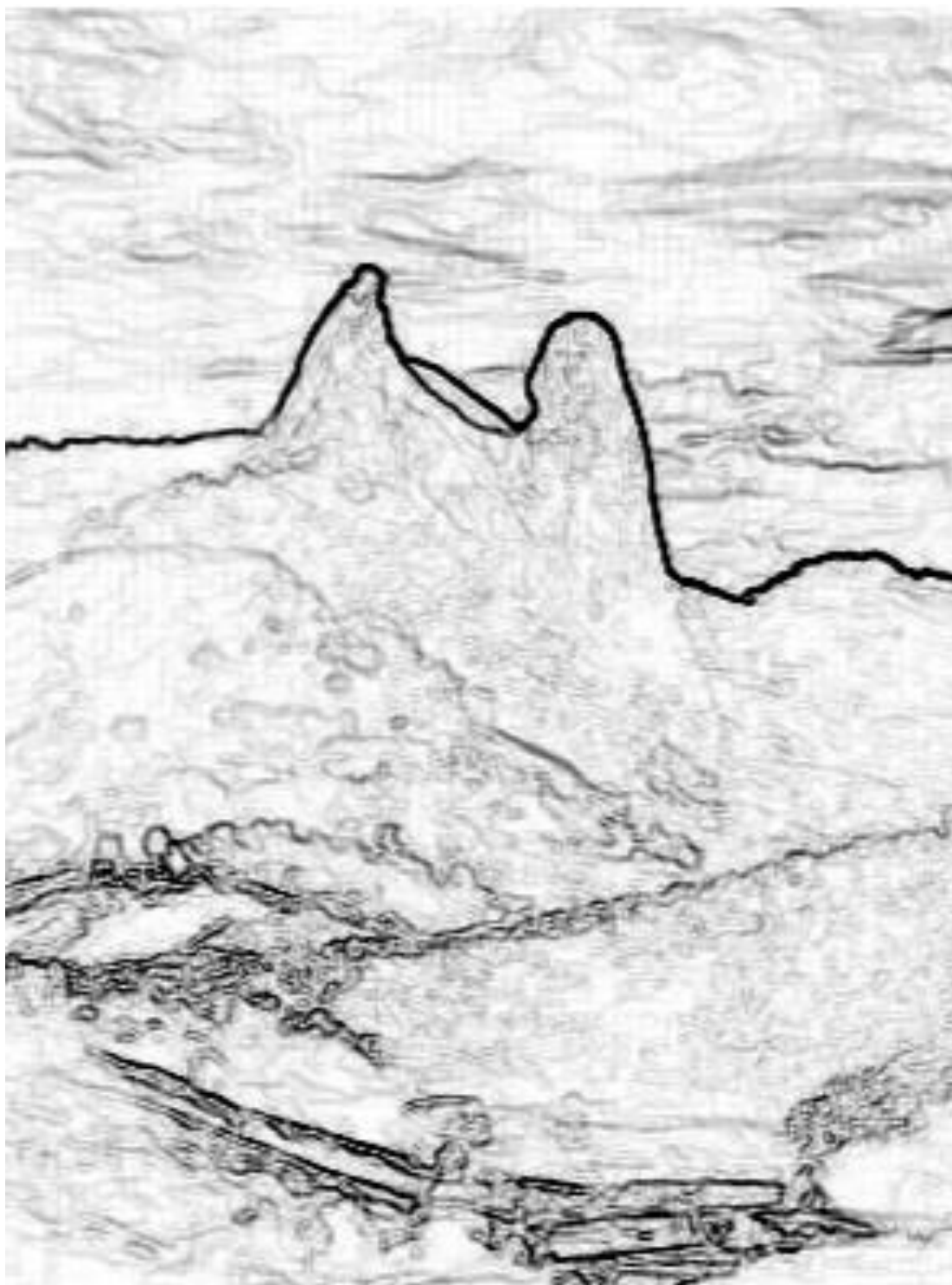
*Dentada curva serrana!
Bem no topo da ladeira
Seco tronco de aroeira
Negreja muito isolado;
Envolto nesse cenário
Daquele eterno luminar,
Ele – o grande [ilegível]
Dos reis do monte elevado.*

*Das bandas do mato bravo,
Do temporal na escalada,
Vem caindo uma rajada
Outra bem mais singular.
Não está morto? Pois bem!
O cerne vida não têm.
Pra esfarinhal-o porem,
So quando um raio estalar.*

*O' tronco, filho da selva,
E' possível, tronco agreste,
Que tua existencia não preste?
Porque, então, tu resistes
Sem tua copa frondosa?
Qual a quadra mais ditosa,
Qual a noite mais formosa
Nesse repouso dos tristes?*

*Não nasci entre pedreiras,
Não posso ouvir a sentença.
Os cetros são terra deusa,
Poesia o vento a levar.
Agora é tarde que tomba,
Tu ficas na Arida [ilegível]
E eu no vale onde a pomba
Sozinha hade arrular.*

*Ruína em cima da serra
E leiva embaixo do monte
Tu tens um alto horizonte,
Brenha, mato, sombra de luz;
Mas, um dia – rijo, estreito,
Será teu lenho meu leito,
Nós unidos, comeffeito,
Ao santo sinal da cruz.*



FRADES DE PEDRA

*Ha dois frades do deserto
Nesse eterno labirinto,
Um do outro bem distinto,
Da pedra no movimento.
Todos dois a meditar,
Um não pode escutar,
Outro não ousa falar,
Parados sem movimento.*

*Em atitudes de ascetas
Tém resonancias da fé.
Um sentado, outro de pé,
Num ritmo que desabroxa.
Não tem cabeça o que lê,
Aquele outro não vê.
Ambos de pedra! Porque
Um símbolo na dura róxa?*

*Leitura silenciosa!...
E' seu livro muito aberto.
So ele entende, por certo,
O que nele está escrito.
O vento murmura:– retro!...
Que eu aqui não penetro,
Nem uma silaba soletro,
É tudo tudo granito!*

*O de pé olha pro xão,
Correto – veste talar –
Bem fundo o seu meditar
Na negra côr dos lagêdos.
Ambos – pendidos lótus –
Fundiram-se nos seculos remotos
Nas iras dos terremotos,
Nas xamãs desses segredos.*

*Caminheiros de passagem,
Ficam pasmados olhando,
Sem decifrar murmurando
Aquela estranha beleza,
Que solemnes semelhança
Aos seres nas ermas franças!
Porque incríveis lembranças
Nos faustos da natureza?!...*

PARTIDA

*Aqui a terra onde a estrela d'alva
Lança as centelhas da manhã rorida,
E o sol de fogo, sem queimar as praias,
Dá aos barrancos sempre nova vida.*

*Nas lindas tardes, nos serrados campos,
Desce a canícula no sertão silente,
E as esmeraldas da floresta verde
Não sente a calma da fornalha ardente.*

*O monte azula-se na extensão dos ares
Naquelas brumas onde o ceo se esconde.
Cantos sonoros e gorgeios d'ave
Por toda a parte e não se sabe onde.*

*Recessos d'alma são da patria amada,
Partindo os filhos do torrão querido
Que magua fica, que ternura exála
Materno seio – coração partido.*

ADEUS! Á BOA VISTA

Adeus! Bôa vista, adeus!
Adeus! Ó sitio risonho,
Onde passei breve sonho
Da flor de minha ilusão.
Levo-te vivo na mente
Com esta luz sorridente
Da tarde agreste inocente,
Escrita em meu coração.

Levo teus antros azues,
Teus vales silenciosos,
Os teus painéis memorosos
Nos romurejos da mata,
Estas encostas solenes.
As águas puras, perenes,
Dos teus riachos inpenes,
Dos teus ribeiros de prata.

Ao viandante que passa,
Ao deixar teus ceos e montes,
Dizem adeus os horizontes,
Verêdas, pindaibaes,
Deste lar estas mangueiras,
As frondes das gameleiras,
Aquelas verdes palmeiras
E as sombras dos baruaes.

Belas rosas se desfolham,
Por tuas veigas xeirando;
O coqueiral susurrando,
Esguios leques espalma.
Frouxos raios de luas,
– vias de luz estelares –
E sons errantes nos ares
São cantos que levo n'álma.

*No pino das cambaúbas
De caminhos solitários
Visitei teus santuarios,
Nos tumulos dos teus orei.
Ao lado dessas ruínas,
Que falam mudas, divinas,
No fundo dessas ravinas
Seculos de luz encontrei.*

*Nas ardentras da tarde
Entre troncos seculares,
Cobertas de nenhufares
Sentei-me á ribas fragueiras;
Bebi das aguas nevadas,
Dos flancos dessas xapadas,
Vi de serras azuladas
O cimo das cordilheiras.*

*Ah! Tudo isto, querida,
Que breve passa na terra,
Tantos poemas encerra,
Que não os ei de esquecer.
E's a aurora entre negrumes,
Entre espinhos e perfumes,
Fadada de eternos lumes
Que exalam sem fenecer.*

*Adeus! Bôa vista, adeus!
Adeus! Ó sitio risonho,
Onde passei breve sonho
Da minha triste ilusão.
Levo-te vivo na mente
Com esta luz sorridente
Da tarde agreste, inocente,
Escrita em meu coração.*

NENIA

A memória de Manoel Salgado

*Dorme trovador, tu que soubeste
Cantar na lira os dons da natureza!
Na terra avermelhada a luz da tarde agreste
Tece-te numa corôa de imortal beleza.*

*Tu repousas, bardo, tu somente sonhas
Ao som dos ventos, aos ecos dos serrados.
Saudosas para sempre selvas tão risonhas
Lembram o nome teu aqui nos descampados.*

*O' não despertes. Dorme á sombra amiga
Que os tingaes te dão e os cajueiros.
Gigante os ceos daquellas catandubas.
Descansa, sê feliz, ao pé desses outeiros.*

SAUDADE

A' memoria de João S. Pessôa

*Em terra estranha descansa o peregrino
De [ilegível] maguas a termino da viagem.
Uma ermida no campo, num ceo azul.
Uma cova sem sombra, nem folhagem.*

*Dão-lhe perfume a aurora, a tarde orvalho,
Beijos de amor a brisa que ali vae.
Em silencio contempla-o a cruz da estrada.
Horas mortas a neve quando cae.*

*Neste lar, então, ao duro exílio
Divinas Arias suspiram um doce alvor.
Estão a xoviscar os raios duma estrela.
– Estrela matutina – agora do pastor.*

*Tece, visão dos ceos, a luz bendita
De relvas em vigilia o manto enorme.
Porque não o vejo levaria comigo
Um punhado de terra onde ele dorme.*



FLORES AGRESTES

*Que mãos celestes vos teceram, ó flores,
Anjos dos vales ao terral caindo?
Mantos divinos, que painéis mimosos,
Flores agrestes no sertão se abrindo?!*

*Quem deu relêvos ao bouquet que ostenta
Finos perfumes que exalando estão
A's borboletas nas xeirosas ramas
A erva humilde no relvoso xão?*

*Tinta dos iris que formoso encanto
Da margaridas na dourada alfombra,
Das madresilvas orvalhadas bélas,
Dos malvaiscos na ditosa sombra!*

*Uma alegria na folhagem abrasa
– Bardos dos ninhos – as canoras aves.
Forram-se de petalas os sonoros prados
De rosas soltas ás canções suaves.*

*Que mãos celestes vos teceram, ó flores,
Anjos do mato do sertão infindo!
Que doce aragem no rosal dos montes,
Visões efemerias que acabaes sorrindo?*



O URUCUIA

(lenda - poemeto)

Daria Nosso Senhor na sua Omnipotencia

Um dia de audiência

Aos Rios do Brasil,

Do visu das Guianas,

Do mar ao Guaporé, da floresta ás savanas,

A' fonte mais serril.

E a boa nova correu, vibrou alviçareira,

De cordilheira á cordilheira,

Da terra ao Oceano,

Em calidas vertentes.

Esperam os Reis das selvas, soberbos e potentes

O celeste Soberano.

De solarengos rincões é longa a caravana

Da patria americana.

Cada curso um direito

Exige na contenda.

E das flamíneas águas ondeia cada tenda

A' pompa do seu leito.

Um d'acólá, do salso itinerário,

Requer um estuário,

Este, assás profundo.

Piscoso, densas vagas.

Aquel'outro a extensão de imensas plagas...

O comando do mundo.

*Ja de egregia assembléa aos ventos soltos,
Em turbilhões revoltos,
Fortes se agitam.
Irados uns, outros serenos,
Cada qual mais eloquente, outros palpitam.
Sentem-se pequenos.*

*Chega o dia aprazado. Ouve-os o Senhor:
Um pedido, um favor,
Um sorriso da graça,
Um raio divinal;
E a todos cede da foz á fonte e passa
Em viagem eternal.*

*Subia assim divino o Rio São Francisco
– O gigante basilisco –
A branca estrada
Do Brasil Interior,
Quando ouvira um susurro de vaga encapelada:
Senhor! Senhor!*

*Ia bem longe o Onipotente. Volve os olhos
Por entre escolhas
Daquele extraordinário.
Num raio de aleluia
Soberbo tributário
Era o Urucuia.*

*Rompia o ParanaPETINGA a massa enorme
Rijo, disforme...
Luta insana...
D'agua levantando,
Confluencia acima, montanha que espadanava,
Os ecos acordando.*

*Alem, então, descendo daquela magestade
Um gesto de bondade,
Ternura peregrina
As preces escutando
Alça no espaço a dextra – mão divina –
O Rio abençoando.*

*Por isso os seus vales são férteis, ditosos,
Tezouros encerram, celeiros também.
As selvas são virgens umbrosas, florentes,
Tem serras ferazes que os outros não têm.*

*Rasgando penêdos,
Partindo rochedos,
Deixanto arvorêdos,
Mil fragas atrás.
Ribeiros valentes
Despejam torrentes
De águas vertentes
Dos seus araxás.*

*E os outros abrindo,
Nos montes rugindo
Descendo e subindo
No seu murmurar,
Dos ermos incertos,
De campos cobertos,
Transpõe os desertos
Em busca do Mar.*



O Autor e sua Obra¹



Manoel Ambrósio Alves de Oliveira é, certamente, um modelo de intelectual do fim do século XIX, capaz de manejar diferentes saberes e ciências com maior ou menor erudição: atuou como jornalista, escritor, político, professor, historiador e folclorista, aventurando-se, embora amadoramente, em campos como a mineralogia e a espeleografia.

Para se ter uma dimensão desse ecletismo, há relatos, em pequenas notas de jornais cariocas dos anos 1920 e 1930, de que Ambrósio enviava a sociedades científicas da capital federal, pelos vapores, exemplares de minérios colhidos no Vale, na expectativa de que o solo de sua amada terra fosse tão benfazejo quanto a paisagem que tantas vezes cantou, em verso e prosa. No final da década de 1930, o januarense figurou como personagem recorrente em uma série de reportagens que tratava das misteriosas minas de prata supostamente localizadas às margens do Rio São Francisco.

Outros relatos dão conta de seu envolvimento com a produção de látex na região.² Há, também, cartas remetidas a uma autoridade da capital mineira com

¹ Nota dos organizadores: texto originalmente publicado nos anais do *I Seminário de Estudos Ambrosianos – escrever na margem, educar na berlinda*, evento realizado em agosto de 2021, na terra natal do autor.

² Nota do posfaciador: O PAIZ, 15 de janeiro de 1910, p. 2.

representações das pinturas rupestres do Peruaçu, décadas antes de todo o interesse por esse importante sítio arqueológico.

Como jornalista, Ambrósio tentou tirar das sombras os abusos dos mandatários locais: expôs o superfaturamento das obras do cemitério de Januária, denunciou uma retumbante fraude nas eleições para o Senado, em 1903, fez campanha para a criação de colégio católico na cidade, e buscou educar o gosto do povo barranqueiro pela literatura, com a publicação, nas páginas do jornal *A Luz*, dos folhetins *Hercília* (depois editado em livro, em 1923 e republicado em 2021) e do inacabado (ao que parece) e enigmático *O chalé de Tonkin*, obra sobre a qual não se tem notícias.

Como historiador, o januarenses tentou reconstruir os vestígios do passado colonial da região. Utilizou o seu jornal para publicar um *Esboço Histórico de Januária*, provavelmente recorrendo a documentos que, na sua época, ainda estavam disponíveis. Nesse texto, de 1903, Ambrósio destaca a existência de propriedades escravagistas nos arredores da cidade, por volta de 1860, localizadas no distrito de Brejo do Amparo.

Outros detalhes da trajetória do escritor ajudam a construir a imagem de um caçador de vestígios históricos para ele. Exemplo disso é a fotografia, achada em seu arquivo, do piso da suposta residência de D. Maria da Cruz ou, ainda, os relatos de que ele tencionava encontrar, na região de Manga - MG, as ruínas do “castelo do Calindó”, que teria pertencido ao bandeirante Manuel Nunes Viana, figura histórica que aparece como personagem do conto “A filha do general emboaba”, de Brasil Interior.

Essa busca de Ambrósio pelas ruínas é uma característica importante de sua obra ficcional. Em vários livros dele podemos observar o interesse pelas taperas em que se transformaram as casas-grandes, a lembrança de ermidas abandonadas, a decadência dos poderosos ou a menção às cruzes à beira do caminho, sinalizando a violência que grassava nos sertões.

O olhar de Ambrósio para o passado de seu querido Vale, nos faz recordar o anjo da história de que trata Walter Benjamin nas suas famosas teses sobre a História:

Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele

irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1985, p.226).

Ambrósio olhava as ruínas, os vestígios, os fragmentos do passado para tentar entender a tempestade do progresso que se avizinhava do Médio São Francisco: vapores e telégrafo, por exemplo, são signos do paradoxo que a modernidade assumia nessas terras. Essa tensão está evidente tanto no horror que o apito do vapor *Rodrigo Silveira* causara na índia tapuia da região de São João das Missões, personagem do conto *O bicho-homem*, de *Brasil Interior* (1934), quanto nas possibilidades de contato com o mundo permitido por aquelas embarcações.

Também o telégrafo, apelidado no romance *Antônio Dó* (1976) de “a via-crucis universal”, tanto podia vomitar “as mais disparatadas invencionices do terror” quanto permitia que Ambrósio mandasse notícias das barrancas para o mundo, como quando denunciou aos leitores do jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora - MG, a perseguição política que vinha sofrendo em Januária: “Na monarquia nada conseguira; na república, sempre tomada de dúvidas, de decepções provada e, não pode a nossa cidade progredir, graças a interesses inconfessáveis que tem servido para cavar a sua ruína” (OLIVEIRA, 1903, p.2).

É espantoso observar como a vida de Ambrósio tenha atravessado tantos episódios da vida nacional. Nascido em 1865, ano em que eclode a Guerra do Paraguai, ele tangenciou os estertores do Segundo Império, a promulgação da Lei do Ventre Livre (1871), a ilusão da liberdade plena pelas mãos de Isabel, a República, a Guerra De Canudos, a 1ª e 2ª Guerras Mundiais, o apogeu e o declínio da navegação do Velho Chico, a ascensão de Vargas, os ciclos da seca e do banditismo nos sertões nordestino e mineiro.

Dono de uma significativa produção literária, sua obra mais conhecida é *Brasil Interior*: palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco (1934), em que tratou das várias faces do folclore regional. Por conta dessa obra, o autor ficou conhecido apenas como folclorista. Contudo, sua produção literária é muito mais ampla, fruto de uma versatilidade intelectual quase heroica, consideradas as condições em que viveu, escrevendo sempre da margem dos grandes centros.

Assim, da pena do escritor também saíram: *Hercília*: romance histórico (1923), *Os Laras*: no sertão dos guahybas, onde se fez morrer caboclo como o diabo (1938), *A Ermida do Planalto*: novela regional (1945) e o livro de poesias *Paranapetinga* (1938). Postumamente, foram publicados os romances *Antônio Dó*: o bandoleiro das barrancas (1976) e *Os Mellos*: jagunços e potentados no Sertão do São Francisco (2018). Resta inédito o livro *Brasil do Vale* (1909), além de contos, peças de teatro e outros escritos constantes do arquivo de família, cujos manuscritos só mais recentemente estão sendo escrutinados e trazidos a lume.

Nesses textos, Manoel Ambrósio abordou temas como a valorização do homem barranqueiro, a pujança da natureza ribeirinha, as relações sociais locais, os falares e o cotidiano sertanejos, propiciando a construção de uma cartografia ficcional a partir da qual se pode conhecer as diferentes identidades e paisagens existentes no Médio São Francisco, o sertão ambrosiano.

De fato, é adequado alargar as fronteiras das investidas intelectuais e ficcionais de Manoel Ambrósio para além de seu torrão natal. Uma leitura rápida de seus contos e romances e a análise dos diálogos que manteve com figuras como Nelson Coelho de Senna e com os jornais cariocas, especialmente nas décadas de 20 e 30, ajudam a construir a imagem de um homem vigilante tanto em relação aos apelos dos centros urbanos (especialmente o Rio de Janeiro) quanto ao burburinho dos sertões sanfranciscanos.

As obras do januarense são exímias, como já referido, em revelar os vestígios do passado colonial brasileiro nas terras sertanejas, remontando a episódios da história social dos “Gerais das Minas” e do Nordeste brasileiro a partir da ficcionalização de figuras e reviravoltas históricas. Nesse sentido, elas tratam, com maior ou menor ênfase, dos efeitos da escravização, dos ciclos econômicos e políticos que moldaram a região, das violentas expedições bandeirantes, da navegação do Rio São Francisco, dos povos indígenas que habitavam/habitam essas cercanias, entre outros temas.

Infelizmente, em vida, Manoel Ambrósio não obteve maior notoriedade, especialmente no campo literário. Olhando do presente, não é concebível que o escritor tenha sido esquecido, tamanha fora sua produção intelectual. Entretanto, quando se avalia a biografia do escritor, vêm à tona relatos sobre perseguição político-judicial e até mesmo sobre uma tentativa de assassinato, sofridas por Ambrósio. Isso ocorreu em

virtude do papel combativo adotado por ele na política e na imprensa (ele editou *A Januária* e, posteriormente, *A Luz*, os primeiros jornais de Januária — MG, plataformas utilizadas para denunciar os desmandos e as mazelas da política dos coronéis e grandes fazendeiros locais).

A segunda razão para essa perseguição está latente nas principais obras de Ambrósio, especialmente nos romances *A Ermida do Planalto*, *Hercília*, *Os Laras*, *Os Mellos* e *Antônio Dó*, nos quais soube usar as palavras como arma contra a prepotência, a dissimulação e as injustiças. Por isso, o escritor sempre viveu sob ataque, escrevendo e educando o povo na berlinda. Esses fatores, possivelmente, contribuíram para que a obra dele tenha caído no ostracismo.

Pedro Borges Pimenta Júnior

Januária — MG, 11 de agosto de 2021.

